

O DISCURSO BIOGRÁFICO NA TELEVISÃO: MEMÓRIA E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO EM UM PROGRAMA SOBRE SANTOS DUMONT

Fabiano ORMANEZE, Unicamp/ UniMetrocamp¹
Duílio FABBRI JÚNIOR, UFSCar/ Unisal/ UniAnchieta²

Resumo: Este trabalho analisa o funcionamento do discurso biográfico, usando como corpus o programa especial *Santô*, produzido pela *EPTV*, afiliada da *Rede Globo* em Campinas (SP). A partir do corpo teórico-metodológico da Análise de Discurso Francesa, baseada em autores como Foucault (2004), Orlandi (1993) e Pêcheux (2009; 2010), busca promover um diálogo com a noção de “ilusão biográfica”, de Pierre Bourdieu (2006). Nosso interesse é demonstrar de que forma os lugares de fala de uma emissora de televisão regional e de programa produzido pelo departamento de jornalismo produzem efeitos na enunciação, colocando em tensão a memória e a ética jornalística, na perspectiva de construir uma narrativa, ao mesmo tempo, histórica e factível em suporte midiático audiovisual, mas que pretende ainda manter uma identidade regional, mesmo com um biografado, Santos Dumont, que não pressuponha limites geográficos.

Palavras-chave: Discurso biográfico; Identidade; Memória; Jornalismo regional.

Abstract: This paper analyzes the functioning of the biographical discourse, using as corpus the special TV program *Santô*, produced by *EPTV*, a TV station, affiliated of *Rede Globo* in Campinas (SP), Brazil. Based on authors, such as Foucault (2004), Orlandi (1993) and Pêcheux (2009; 2010), from the theory of the French Discourse Analysis, the paper seeks to promote a dialogue with the notion of “biographical illusion” by Pierre Bourdieu (2006). Our interest is to demonstrate, in that way, the speaking position of a regional television station and of a program produced by the journalism department could produce effects of enunciation, putting the memory and journalistic ethics in tension, with a view to constructing a historical narrative and feasible from the audiovisual perspective, however maintaining still a regional identity, even with a person, Santos Dumont, that does not presuppose geographical limits.

Keywords: Biographical discourse; Identity; Memory; Regional journalism.

O DISCURSO E O ESPAÇO BIOGRÁFICOS

O grande nome do pop-art, Andy Warhol (1928-1987), disse certa vez que, no futuro, todos teriam 15 minutos de fama. Por mais que se possa discutir o que seja

¹ Doutorando em Linguística pelo IEL/Unicamp, mestre em Divulgação Científica e Cultural pelo Labjor/IEL/Unicamp, especialista pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), jornalista pela PUC-Campinas. Professor na Escola de Extensão da Unicamp e no Centro Universitário UniMetrocamp. E-mail: ormaneze@yahoo.com.br.

² Doutorando em Linguística pela UFSCar, mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade Cásper Líbero, jornalista pela PUC-Campinas. Professor e coordenador do curso de Publicidade no Centro Universitário Salesiano (Unisal), campus Dom Bosco. Professor na Escola de Extensão da Unicamp e no Centro Universitário Anchieta (UniAnchieta). E-mail: juniorduilio@uol.com.br.

“fama”, tal tempo parece ter chegado quando se notam como as marcas espetacularizadas do biográfico fazem-se presentes nas produções midiáticas e nos dispositivos tecnológicos. Por todos os lados, multiplicam-se fragmentos de histórias de vida, verídicas, verossímeis ou ficcionais, representando a experiência humana de ser ou de “querer-ser”. As marcas do biográfico correspondem às diversas produções culturais que têm como centro a história de vida, seja com o intuito de enfatizar parte ou “a” totalidade da narrativa de vida, por mais que se saiba da impossibilidade de atingi-la, naquilo que, como veremos mais à frente, Bourdieu (2006) chama de “ilusão biográfica”.

Lejeune (2008) denomina de “espaço biográfico” a presença concomitante de diversos gêneros que, em comum, têm o objetivo de narrar uma vida. Em leitura mais recente desse conceito, Arfuch (2010, p. 58) define-o como “uma confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativas”. Assim, o espaço biográfico contemporâneo compreende, portanto, não só os gêneros ditos canônicos, como a biografia, mas também aqueles que, na evolução dos processos midiáticos, surgem para narrar vidas, muitas vezes ao vivo, como é o caso das redes sociais digitais, os blogs e vlogs, os *realities shows*, os *talk shows*, sem deixar de considerar ainda os trechos sobre a vida de outrem presentes na maioria dos gêneros discursivos do jornalismo, como entrevistas e reportagens. “Não só a autobiografia, a história de vida ou a entrevista biográfica, performadas temática e compositivamente enquanto tais, entrariam em nossa órbita de interesse, mas também os diversos *momentos* biográficos que surgem, mesmo inopinadamente, nas diversas narrativas, particularmente as midiáticas” (ARFUCH, 2010, p. 74, grifo no original).

O registro de uma vida tenta, de algum modo, dar sentido à existência, tanto para aquele que conta, quanto para quem conta e para quem se coloca como interlocutor. A busca por “algo a mais que ilumine o contexto vital da figura de algum modo conhecida – dificilmente se lê a biografia de um personagem que se desconhece” (ARFUCH, 2010, p. 140) – justifica a crescente produção do gênero e o interesse por ele. O “algo a mais que ilumine” de que fala a autora funciona como uma espécie de tecnologia de presença e de memória, colocando o sujeito num espaço que, mesmo sem que ele note, faz-se pela identificação com as formações ideológicas ali representadas.

A emergência de formatos biográficos diversos, podendo ser produzidos por indivíduos o tempo todo, nos mais diversos lugares e suportes, não invalidou a produção de biografias – e gêneros dela derivados – em suportes tradicionais, como os livros, as cinebiografias, as fotobiografias, os documentários e os perfis jornalísticos etc.

Assim, neste artigo, nosso objetivo é refletir sobre uma dessas produções, denominada de “programa especial”. *Santô*, nosso objeto, mescla características da reportagem e do documentário, para contar a biografia de Santos Dumont (1873-1932) na televisão. O programa foi produzido pela *EPTV*, emissora afiliada da *Rede Globo*, e exibido nas quatro praças sob sua cobertura no interior de São Paulo (Campinas, Ribeirão Preto, São Carlos) e no Sul de Minas Gerais³. A exibição ocorreu no dia 15 de outubro de 2017, às 22h30, após o *Fantástico*, “em comemoração ao aniversário” da afiliada, como diz texto publicado pelo *GI Campinas*⁴, que disponibiliza o programa para acesso livre e gratuito na internet. *Santô* tem total de 57 minutos, divididos em três blocos. O título diz respeito à forma como o inventor era chamado em Paris, numa clara menção à tendência a palavras oxítonas no francês.

A partir do corpo teórico-metodológico da Análise de Discurso Francesa, queremos demonstrar de que forma os lugares de fala de uma emissora regional e de um programa produzido pelo departamento de jornalismo produzem efeitos de sentido que colocam em tensão a memória e a ética jornalística, na perspectiva de construir uma narrativa histórica, atual e factível em suporte midiático audiovisual, sem deixar de lado a necessidade de manter a identidade regional da emissora. Essa análise nos ajuda a refletir sobre o conceito de valor biográfico, conforme definido por Arfuch (2010), ou seja, processos de subjetivação envolvidos nas formas narrativas que têm o propósito de narrar a vida alheia.

³ A *EPTV* foi fundada em 1979 em Campinas. Em 1980, a emissora instalou-se em Ribeirão Preto. Em 1988, foi criada a *EPTV* Sul de Minas, com sede em Varginha. Em 1989, surgiu a *EPTV* Central, em São Carlos. Segundo dados da própria emissora, a cobertura atinge atualmente 300 municípios, totalizando cerca de 11 milhões de habitantes e mais de 3 milhões de residências com aparelhos de TV. Inicialmente, *EPTV* era a abreviação de “Empresas Paulistas”. Posteriormente, o grupo adotou a denominação “Empresas Pioneiras”. A emissora é responsável ainda pela produção de conteúdo e gestão dos sites *GI* e *GE* nas praças onde está localizada, além de Piracicaba. Detém também concessões de rádio e possui outros veículos jornalísticos na internet. Dados disponíveis em: <https://institucional.eptv.com.br/televisao/aeptv.aspx>. Acesso em: 07 dez. 2018.

⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/santo-reveja-o-programa-especial-da-eptv-sobre-historias-e-invencoes-de-santos-dumont.ghtml>. Acesso em: 30 jul. 2018.

A biografia, dessa maneira, além do papel de memória, de reconstrução do passado, evocando o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, a partir do lugar de fala e das condições de produção⁵, tem o papel de reorganizar o conjunto de dizeres sobre determinado indivíduo e, por consequência, oferecer indícios de uma organização social: “As narrativas biográficas possibilitariam ordenar a realidade, cristalizando temporariamente identidades, projetos de vida, seja para o sujeito biografado, seja para quem consome esse tipo de produto” (HERSCHMANN; PEREIRA, 2002, p. 43).

Por memória, tomamos aqui a definição de Pêcheux (2010), para quem ela não pode ser “concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo” (p. 56). Pelo contrário, na concepção da Análise de Discurso, a memória é um espaço de disputas, que produzem sentido sobre os dizeres, “um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos” (ibidem).

O discurso biográfico assume uma característica simbólica, não só em busca da organização de uma experiência de vida, como também da própria memória e do que se pretende fazer memorável, como um recorte do passado a produzir sentidos no presente e para o futuro, trazido no fio do discurso: um passado sobre a vida que se presentifica no dizer.

A vida que se acompanha numa biografia tem como efeito uma ilusão do todo, da completude de uma existência, utilizada, inclusive, como recurso retórico e publicitário. “A biografia **definitiva** de alguém”, “a história” ou “a verdadeira trajetória” são expressões comumente utilizadas para divulgar narrativas biográficas, que, ao utilizar artigos definidos e adjetivos com ideia de completude, produzem efeitos de precisão:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 2006, p. 185)

⁵ “As condições de produção, para a Análise de Discurso, não podem ser simplesmente compreendidas como contexto histórico ou social de determinada enunciação. O conceito é mais amplo e pode ser entendido em seu sentido *lato* e estrito. Do primeiro ponto de vista, compreende as circunstâncias, o lugar de onde se diz algo e o momento dessa enunciação. Do segundo, compreende a ideologia. Ambos, entretanto, só fazem sentido se considerados conjuntamente” (ORMANEZE, 2015, p. 19).

Essa dimensão da biografia como uma ilusão sobre o todo da vida faz-se presente também nas definições mais usuais sobre o que seja o gênero, verificadas nos principais materiais sobre como se deve produzir um relato biográfico. O trecho de Vilas Boas (2008), para quem a biografia “deve proporcionar descrição detalhada de uma existência” (p. 22), é um exemplo disso. Entre o que “deve ser” e o que “é”, a biografia inscreve-se como um processo de produção de sentidos sobre a vida de um sujeito para outro(s) sujeito(s), colocando-se como local e como meio das determinações histórico-ideológicas, uma operação que compreende a relação entre o lugar do discurso, a memória e as condições de produção.

Considerando os aspectos formais e de conteúdo, a biografia insere-se num espaço de diálogo entre o jornalismo, a literatura e a história (ORMANEZE, 2015), recebendo de cada uma dessas áreas uma série de interdições e possibilidades de dizer (FOUCAULT, 2004), que delimitam também o que será dito sobre determinado personagem⁶, já que, a partir de um lugar de fala, não é possível dizer tudo, “não se pode falar tudo sobre qualquer circunstância” (p. 09).

SANTOS DUMONT NA BIOGRAFIA: DOIS RECORTES

Para demonstrar a construção narrativa do programa especial *Santô*, fazemos aqui um recorte em dois aspectos que nos ajudam a responder às perguntas colocadas para este trabalho: as menções à região de cobertura da *EPTV*, que produziu e exibiu o especial, e as abordagens de dois temas que, sócio-historicamente, poderiam suscitar efeitos de polêmica: as citações à (suposta) homossexualidade e ao suicídio do biografado.

O regional, o nacional e o global na biografia

Como explicitado por Fabbri Jr. (2006), as emissoras regionais têm importante papel na estratégia mercadológica das grandes redes de televisão, tornando possível a penetração “no mercado nacional (...), através da produção descentralizada” (p. 68). As

⁶ A discussão sobre o gênero discursivo a que pertence a biografia não será discutida neste artigo por limitação de espaço. Ela foi feita em Ormaneze (2015), entre outros.

emissoras regionais contribuem com essa penetração em função da contribuição que oferecem à construção da identidade local:

Embora as demarcações geográficas possam ajudar a configurar o local, no que tange à cobertura e aos efeitos das mídias, elas são imensuráveis, mas se somam às demais singularidades, identidades e diversidades socioculturais, históricas, ecológicas, econômicas, de comunicabilidade etc., que ajudam a constituir o espaço local ou o comunitário. Não há por que desprezar o território geográfico enquanto fonte de significados, pois ele faz parte das condições objetivas de vida advindas do tipo de solo, de clima, das tradições, da língua, dialetos etc. e da construção de valores e práticas sociais. Quando se trata da questão local, é impossível definir fronteiras territoriais precisas, mas elas pressupõem contornos que se expressam em várias dimensões que advêm de uma situação de vida em comum, de identidades e raízes histórico-culturais e dos valores e códigos de comunicação compartilhados. (FABBRI JR, 2006, p. 69)

Esse “território geográfico” coloca-se em movimento de significação no programa especial da *EPTV* sobre Santos Dumont, à medida que, apesar das dificuldades para a definição de fronteiras precisas, a presença de um produto jornalístico elaborado por uma emissora regional, ainda mais com o efeito de comemoração, leva à necessidade de demarcar quais os pontos da vida do sujeito biografado corresponderiam aos processos de identificação com os interlocutores, no caso, os telespectadores.

No texto utilizado para apresentar o programa no portal de notícias *GI Campinas*, sob responsabilidade da *EPTV*, afirma-se:

O programa contou **toda a história** do inventor, dos períodos de glórias até as frustrações, passando pelos traços divertidos e curiosos da personalidade deste grande nome da cultura brasileira e internacional. Dumont **teve várias passagens pelas cidades da região da EPTV, como Campinas (SP) e Ribeirão Preto (SP)**, ao longo da vida. (grifos nossos)

Esse trecho segue a mesma linha da abertura do programa, cuja apresentação foi feita por Luciane Viegas, jornalista responsável também pela direção do especial, pela condução de entrevistas e pela narração em *off* do programa:

Boa noite. Um sonho de menino, que realizou o desejo de todos **nós**: a liberdade de voar, uma conquista **nossa**, de um brasileiro, o maior deles, um homem que desafiou a natureza e **nos** deu asas, mesmo que

sejam essas⁷ asas mecânicas. No mês de aniversário da *EPTV*, **nós** escolhemos ele, Alberto Santos Dumont, para **nos** emprestar sua história de perseverança, talento, genialidade. Uma história que começou nas lavouras de café de Ribeirão Preto, de onde veio o dinheiro que sustentou a carreira do pai da aviação. Uma homenagem a ele que mais glórias trouxe ao **nosso** país e uma homenagem a **você**, telespectador, **que merece conhecer e preservar essa história**⁸.

As condições de produção e o imaginário de interlocutor delas derivado, bem como a memória do que seja um sujeito biografado, estão mobilizados em ambos os trechos. Primeiramente, podemos observar a menção à região de atuação da emissora e a relação do local e do nacional. Em seguida, nota-se um jogo de significantes produzido pelos pronomes pessoais “nós” e “nos”, além do possessivo “nosso”, que, conforme Benveniste (2005), encaixam-se na classificação de “não pessoa”. De acordo com o autor, o uso dos pronomes da primeira pessoa do plural é sempre uma construção no/do imaginário e das práticas de linguagem. Como não se pode ter acesso completo ao outro, ao colocá-lo em discurso, trata-se sempre de uma construção do que ele (o outro) seria.

Ora, assim sendo, quem é o “nós” construído pela enunciação da emissora? Podemos pensar numa lógica de inclusão e de importância do personagem, observada na tentativa de dizer que o trabalho de Santos Dumont realizou um desejo de “todos nós”, “nos deu asas” e que, além disso, é uma conquista “nossa”, como brasileiros. Tem-se aí a tentativa de, pelo fio discursivo, retomar uma identidade cultural construída a partir da memória, relacionando o regional e o nacional (“nosso país”).

O jogo das representações marcadas pelo uso do pronome “nós” também coloca a inclusão ou não dos telespectadores no enunciado. Em “nós escolhemos ele”, o “nós” é uma referência ao trabalho dos produtores, funcionando, portanto, como uma exclusão do interlocutor. No entanto, o trecho “para nos emprestar” promove a inclusão: emprestar a quem produz? A quem assiste? A ambos?

Essa tensão entre o “nós” da redação e o “nós” da região também se materializa no trecho final: “você, telespectador, que merece conhecer e preservar essa história”. A

⁷ Como próprio do texto de televisão, a narração é acompanhada de imagens, o que explica, neste e noutros trechos, a presença constante dos pronomes demonstrativos (este, esse etc.)

⁸ Todas as transcrições foram feitas pelos autores, a partir dos vídeos disponibilizados na página do *GI Campinas*, já referenciada em nota anterior.

locução verbal construída em “merece preservar” produz um deslizamento: preservar a história (e contá-la), mais que mérito, é obrigação do jornalismo, enquanto discurso sobre o real. No entanto, no trecho, é feita uma associação entre essa preservação e a homenagem ao telespectador, produzindo possíveis efeitos de unidade e identidade, marcados pela repetição da primeira pessoa do plural em vários momentos.

As condições de produção, que colocam *Santô* como produto do jornalismo regional, materializam-se ainda na menção às cidades de Campinas e Ribeirão Preto, tanto no texto do site quanto no de apresentação na TV. A tentativa de projetar o regional, o nacional e o global faz também nítida a presença da ilusão biográfica, conforme discutida por Bourdieu (2006): “o programa contou **toda a história**”. Nos enunciados seguintes, em ambos os suportes, aparecem indícios de como a totalidade de uma história e, por conseguinte, o valor biográfico, são compreendidos: “períodos de glórias”, “frustrações”, “traços divertidos e curiosos”, “história de perseverança, talento, genialidade”.

Apenas nesses dois primeiros trechos já se fazem presentes os chamados “pontos críticos” do processo biográfico, como definido por Vilas Boas (2008), ou seja, a necessidade de contemplar aspectos relativos à descendência, ao fatalismo para o sucesso, à extraordinariedade, à verdade, à transparência (o processo de produção) e à noção de tempo (cronologia). Esses elementos, na nossa abordagem, são acompanhados ainda de uma perspectiva ideológica: falar sobre um sujeito só produz sentido a partir das condições de produção e das formações imaginárias sobre o personagem e sobre os interlocutores (ORMANEZE, 2015).

Na verdade, as menções sobre a presença regional de Santos Dumont na área de atuação da *EPTV*, embora tomem grande importância nessa apresentação, são pouco abordadas no interior da narrativa, colocando em tensão o que é fato histórico e o que é narração desse fato, sobretudo porque as passagens do inventor pela região foram curtas: apenas durante a infância, quando viveu com a família em Ribeirão Preto, e uma fase em Campinas, onde frequentou uma das escolas públicas mais tradicionais da cidade. A abordagem do especial sobre a vida de Santos Dumont é sempre a de valorizar o regional no que é possível, com referências históricas e entrevistados, dando importância global aos fatos da vida do biografado.

Usando um termo de Pêcheux (2009), a biografia vai se constituindo, nessa busca entre homenagem, preservação da história e, ao mesmo tempo, identidade regional, como um conjunto de “coisas-a-saber” sobre o personagem de quem se fala. O regional passa a funcionar como ponto de convergência entre quem produz, quem assiste e sobre quem se fala, embora, como biografia, busque-se uma demonstração da extraordinariedade do sujeito (VILAS BOAS, 2008)⁹, o que transpõe o caráter local.

As temáticas polêmicas: a (suposta) homossexualidade e o suicídio

Pensando numa perspectiva discursiva, se a biografia se propõe a ser “a” história do sujeito em detalhes, como destaca Vilas Boas (2008), ela também será fruto do que já se disse sobre o que é narrar a vida de alguém, na confluência entre o jornalismo e a história, bem como produzirá efeitos de sentido a partir da memória sobre temáticas que perpassam a vida do biografado. No caso específico de *Santô*, tomamos dois aspectos relacionados a polêmicas sobre a vida dele. Como explica Kerbrat-Orecchioni (1980), a polêmica visa o discurso do outro, atuando como desqualificação.

Dadas as condições de produção, consideremos dois fatos que poderiam levar a efeitos desqualificadores ao personagem biografado e, por consequência, à emissora: primeiramente, o preconceito existente em relação às orientações sexuais que fogem da heteronormatividade. O segundo aspecto é o suicídio, considerado um tabu no próprio jornalismo: “poucos temas são tratados com tanto cuidado pela mídia” (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 126).

Raramente, são noticiados casos, existindo, na maioria das redações, e, por memória do jornalismo, orientações para que o assunto não seja abordado. Sob a alegação, hoje ultrapassada, de que falar de suicídio levaria a novos casos, historicamente, a imprensa dedicou quase nenhum espaço ao assunto, produzindo, portanto, efeitos da política de silenciamento (ORLANDI, 1993), que “produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz” (p. 73), inserindo-se no conjunto do que “é preciso não dizer para dizer”. Como lembram Ramos e Paiva (2007), num levantamento sobre o assunto: “Dos jovens repórteres aos mais antigos editores, todos os ouvidos por

⁹ Como diz o autor, as produções do gênero, em geral, criam um “modelo autoritário que tornou a biografia o veículo de divulgação das criaturas de grande quilate” (VILAS BOAS, 2008, p. 129).

este trabalho¹⁰ consideram uma espécie de lei não escrita que o suicídio não é assunto de interesse público. Salvo exceções, a palavra suicídio é pouco lida ou ouvida na grande imprensa” (p. 126).

Homossexualidade

No segundo bloco, depois de narrada a trajetória e a invenção do avião, aparecem depoimentos de sobrinhos-netos do biografado, bem como de historiadores e pesquisadores. Na sequência, são feitas menções ao estilo de roupa e ao chapéu, que faz parte das imagens mais tradicionais de Santos Dumont. Entre os depoimentos, este é o momento em que, na narrativa, aparecem características do biografado como “uma pessoa extremamente requintada, no sentido de estar sempre bem vestido, muito bem apresentável, o que é uma marca importante para Santos Dumont” (2º bloco, a partir do 2’50’’). Essa descrição, a que se seguem outros detalhes sobre roupa, objetos pessoais e lugares considerados refinados em Paris (onde o 14 Bis, avião criado pelo brasileiro, voou pela primeira vez), finaliza-se com o seguinte trecho em *off*, coberto com imagens de cafeterias e restaurantes, onde são simuladas, por encenação (RAMOS, 2008)¹¹, festas frequentadas ou organizadas pelo biografado: “Nunca se casou. E, se teve namoradas, não se sabe ao certo. Um artigo polêmico, publicado num jornal americano da época, relata traços femininos em Santos Dumont” (2º bloco, a partir do 5’24’’).

Com a imagem do referido jornal, destacados, por efeito de computação gráfica, alguns trechos, a voz da jornalista presente na maior parte dos *offs* é substituída por outra voz, agora masculina, que lê os excertos do periódico estadunidense, reproduzidos pelo *Le courier de la presse*, editado na capital francesa no início do século 20: “Ele gasta seu tempo com bordado, além da difícil realização de fazer tapeçarias” (5’31’’).

Na sequência, a jornalista retoma o *off* para encerrar o assunto. Com o texto “como a imaginação cria mitos, mas também verdades” (5’44’’), o especial passa a falar sobre as “superstições” e “manias” de Santos Dumont. Por outro lado, ao fazer a ligação

¹⁰ Com a proposta de apresentar tendências e orientações para a cobertura na área de segurança pública, as autoras fizeram um levantamento que envolveu entrevistas, análise de documentos e manuais, além de estudos de caso sobre temáticas como cobertura de casos violentos, estatísticas e os riscos à vida dos jornalistas que cobrem o setor.

¹¹ A utilização da encenação aparece em vários trechos do especial produzido pela *EPTV*. Essa é uma das características que o programa utiliza a partir da linguagem do documentário: “Roteiro prévio detalhado e encenação são elementos básicos para a enunciação narrativa documentária” (RAMOS, 2008, p. 39).

entre o assunto anterior (a suposta homossexualidade) e o seguinte (as superstições), o trecho coloca-se como um deslize entre afirmar ou não a homossexualidade do biografado. Criam-se também, assim, hierarquias entre o que se pode dizer e o que (prefere-se) deixar para o interlocutor/telespectador.

As menções à (suposta) orientação sexual de Santos Dumont ocupam não só pouco tempo, como são formuladas a partir de uma memória do homossexual como um indivíduo que, abstendo-se de hábitos naturalizados como masculinos, adotaria alguns tidos como femininas, como é o caso dos bordados e das tapeçarias, num processo que Pêcheux (2009) nomeou como “pré-construído”, conjunto de dizeres anteriores que constituem o atual, produzindo imagens. Temos, na enunciação do programa especial, um processo discursivo ancorado na tentativa de, conforme lembra Darde (2008), transformar a homossexualidade “num estilo de vida: A heteronormatividade também é reforçada no momento em que leva os homossexuais a quererem adotar normas e valores entendidos como heterossexuais, como o casamento” (p. 01).

Entre dizer e não dizer sobre a orientação sexual do biografado, apagam-se também informações que poderiam dar outra interpretação ao texto do jornal citado. Na década de 1920, surgiram várias manifestações, em textos na imprensa dos Estados Unidos, na França e no Brasil, que tentavam desqualificar tanto Santos Dumont quanto os irmãos Orville e Willbur Wright, que também requeriam o posto de inventores do avião¹² (RAMALHO, 2013). Essa parte da polêmica, inclusive assim nomeada pela emissora, só aparece ao final do segundo bloco (a partir de 14'10''), sem ser feita nenhuma relação com o texto do jornal citado. Os testemunhos de um pesquisador brasileiro e da diretora do Aeroclube da França aparecem, então, na direção de que é inegável que o invento tenha sido do brasileiro.

Suicídio

No terceiro bloco, aparece a menção à morte do inventor, ocorrida em 23 de julho de 1932, no Guarujá, litoral paulista. Após uma exposição sobre o uso do avião em combates aéreos, inclusive com citação à bomba atômica de 1945, em Hiroshima e

¹² A controvérsia gira em torno do fato de que, em 1903 (portanto três anos antes de Santos Dumont colocar o 14 Bis no ar em Paris), os irmãos Wright fizeram, sob sigilo, um voo com o avião Flyer I, assistida apenas por poucas pessoas. Disponível em: <https://www.hipercultura.com/santos-dumont-ou-irmaos-wright/>. Acesso em: 08 dez. 2018.

Nagasaki, o especial trata do suicídio. A temática é introduzida a partir da menção a “um olhar triste que fotografou algum conseguia esconder” e ao fato de que ele estava “preterido pela aeronáutica” (a partir dos 5’25’’). Depois, aparecem imagens de casas nas quais Santos Dumont viveu nos últimos tempos de vida, principalmente em Petrópolis (RJ), onde está localizado um museu sobre o inventor. E, depois, a partir de 10’36’’:

Já muito doente, Santos Dumont veio buscar no litoral de São Paulo tranquilidade, ar puro, a água do mar. Chegou a tirar fotos com banhistas, mas esta foi a última que existe registro. A aparência cansada de um homem com quase 60 anos de idade não revelava ainda a dimensão do descontrole emocional. Este hotel no Guarujá, demolido na década de 50, teve importância histórica. Aqui o Santos Dumont que venceu todos os desafios perdeu o maior deles. Eram 11 horas da manhã do dia 23 de julho de 1932. Ele subiu sozinho até o quarto 152. Lá usou uma gravata para tirar a própria vida.

Apesar da clara menção ao suicídio, inclusive com uma explicação do método utilizado (“usou uma gravata para tirar a própria vida”), não se tem aí uma quebra dos códigos deontológicos do jornalismo ou da “lei não escrita” de que falam Ramos e Paiva (2007). Pelo contrário, esse é um dos pontos em que o discurso jornalístico e o histórico se encontram na biografia. Se a emissora estivesse noticiando a morte de alguém num de seus telejornais, dificilmente, falaria nesses termos, em consonância com as práticas jornalísticas tradicionais. No entanto, o suicídio do biografado é fato de conhecimento histórico, considerado um já sabido, um já dito sobre o personagem.

Diferente do que ocorre com a homossexualidade, no caso do suicídio, não é possível afirmá-la em termos de suposição. É fato conhecido socialmente. Deixar de citá-lo tornaria inverossímil a reconstrução biográfica, na sua proposta, com efeito ilusório, de narração de “toda a vida”, de “detalhes”. O suicídio é narrado e, na sequência, aparece na tela uma frase atribuída a Santos Dumont, embora não seja mencionada fonte ou origem: “Criei uma aeronave para aproximar a humanidade, não para destruí-la” (12’02’’). A enunciação em torno do suicídio do personagem contribui ainda para retomar os sentidos de uma lógica da causa e consequência que sustenta os discursos na explicação sobre doenças. A depressão de Santos Dumont é narrada e finalizada com a frase a partir de uma enunciação que, ao simplificar os aspectos subjetivos e psicológicos, coloca a culpa nos usos do avião pela humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre o biográfico, o jornalístico, o histórico e a regionalização da informação, a construção da história de vida de Santos Dumont colocou-se, no enunciado da emissora, como uma homenagem ao inventor e também ao telespectador. Mas, desse lugar, conforme essa análise pretendeu demonstrar, coloca desafios para se pensarem os valores biográficos e a construção desse tipo de narrativa.

Retomemos aqui as coisas-a-saber, de que fala Pêcheux, os silenciamentos, conforme proposto por Orlandi, e as interdições no dizer, explicitadas por Foucault. O discurso biográfico sobre Santos Dumont, produzido pela emissora afiliada da *Rede Globo*, constitui-se, a partir das condições de produção, no ponto em que esses três conceitos convergem. Primeiramente, aparecem as características que justificam um biografado: a superioridade de sua passagem pela história e seus feitos que adquiriram importância (“a figura de algum modo conhecida”, como lembra Arfuch [2010, p. 140]). Mas o que é preciso saber sobre esse sujeito e, desse ponto, o que é necessário apagar, apresentar versões ou desdizer?

A memória sobre determinado personagem, sobre as práticas biográficas (no jornalismo, na televisão, no cinema, na história etc.) e sobre os fatos que compõem a vida biografada são também determinantes no que se deve saber ou reafirmar, sobretudo quando há uma associação à ideia de homenagem, como era o caso de *Santô*. Como discurso, mais do que uma prática de reportagem ou de uma investigação com características de pesquisa histórica, a biografia insere-se na complexa rede de significações de e para sujeitos, construindo personagens e criando identidades não só pelos aspectos ditos regionais, como poder-se-ia pensar no caso da *EPTV*, mas também pelos aspectos imaginários trazidos na construção de um biografado e de seus interlocutores.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. São Paulo: FGV, 2006, p. 183-191.

DARDE, V. W. A construção de sentidos sobre homossexualidade na mídia brasileira. **Em questão**. v. 14, n. 2, 2008. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/3109/4870>. Acesso em: 05. dez. 2018.

FABBRI JÚNIOR, D. **A tensão entre o local e o global: os limites de um noticiário regional na TV**. Campinas: Akademia, 2006.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 10 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

HERSCHMANN, M.; PEREIRA, C. A. O boom da biografia e do biográfico na cultura contemporânea. In: OLINTO, H.; SCHOLLHAMMER, K. (org.). **Literatura e mídia**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/ São Paulo: Loyola, 2002, p. 141-150.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. La polémique et ses définitions. IN: _____; GELAS, N. (orgs.). **Le discorus polémique**. Lyon: Presses Universitaire de Lyon, 1980, p. 3-40.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

ORMANEZE, F. **Do jornalismo literário ao científico: biografia, discurso e representação**. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à reafirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

_____. **O papel da memória**. In: ACHARD, P. et al. **Papel da Memória**. 3. ed. Pontes, 2010, p. 49-56.

RAMALHO, V. As biografias históricas de Santos Dumont. **Scientiae Zudia**. São Paulo, v. 11, n. 3, p. 687-705, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ss/v11n3/13.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2018.

RAMOS, S.; PAIVA, A. Sequestros e suicídios: notícias que muitos jornais preferem não publicar. In: _____. **Mídia e violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007, p. 119-132.

RAMOS, F. **Mas afinal... o que é mesmo o documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

VILAS BOAS, S. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Editora da Unesp, 2008.